

Empresários querem comércio aberto em junho

Foto: Rayllanna Lima

LICIO FERREIRA

“**D**ia 1º de junho é a data-limite para a retomada do setor produtivo na Bahia

e no Brasil. A reabertura está demorando por demais e se não ocorrer — como nós esperamos — dentro dos protocolos de saúde, existe um grave risco de haver uma convulsão social com aumento da violência”. O alerta, é do vice-presidente da Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas da Bahia (FCDL-Ba), Antoine Tawil.

Também, sintonizado nessa direção, o presidente da Federação do Comércio de Bens e Serviço do Estado da Bahia (Fecomércio-Bahia), Carlos Andrade assim se posiciona. “A vida, em primeiro lugar; a saúde, em segundo; e as nossas empresas, em terceiro. Porque são elas, que geram os empregos e que movimentam a economia com os impostos pagos”. O presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (Fieb), Ricardo Alban diz claramente: “A recessão e o desemprego vão provocar graves problemas sociais no país. Isso é óbvio!”

Presidente da Associação Comercial da Bahia (ACB), Mario Dantas revela preocupação com o impacto da pandemia na economia. “A recessão vai afetar a todos. E ninguém vai escapar. O impacto será avassalador. É preciso que o governo federal entre dando o suporte às empresas, porque elas não podem morrer”. Fundador e presidente do



CRISE

Entidades do setor comentam que demora na reabertura pode provocar convulsão social

‘Business Bahia’, Carlos Falcão entende que “o país passará pela maior recessão da sua história. E a queda do PIB será ainda maior do que os 5% previstos, podendo chegar aos 2 dígitos. Alguns setores vão se recuperar mais rapidamente; enquanto outros, como varejo, turismo, entretenimento e aviação, exigirão mais tempo”.

PLANO

O empresário Ricardo Alban antecipou que a sua equipe da Fieb está montando um plano de retomada das atividades da indústria baiana, que será divulgado ao decorrer desta semana. No lastro da sua preocupação está, obviamente, os dados recém-divulgados

pelo IBGE, que apontou agora, em março, um recuo da produção industrial da Bahia (-5,0%) frente ao mês anterior.

Carlos Andrade, à frente da Fecomércio-Bahia, reconhece que, nessa pandemia, o Turismo foi o setor que sofreu o golpe mais duro. Líder do Business Bahia, Carlos Falcão pede que se diga: “O tão anunciado crédito do governo federal para as empresas não está chegando. Os recursos continuam sendo represados nos bancos e as liberações concentradas nas grandes empresas. Assim, a primeira medida, a ser adotada, seria a de agilizar a liberação do crédito para as médias e pequenas empresas”.

Antoine Tawil pela FCDL, diz que “as empresas que aceitaram a suspensão de contratos dos seus empregados para receber recursos já pagaram as duas prestações, nos meses de abril e maio. E que toda ajuda federal deixará de existir, a partir do próximo dia 30. “Em junho, as terão que pagar aos seus empregados com recursos próprios e estarão, no momento, totalmente descapitalizadas”. Assim como Carlos Falcão, o representante de FCDL diz que os financiamentos estão retidos nos bancos, principalmente nos privados. “Nenhum dos nossos associados, até hoje, conseguiu um contrato com as taxas de juros anunciadas”.

PÓS-PANDEMIA

Arquitetos discutem o desenho dos ambientes

MARCELO LIMA - O ESTADO DE SÃO PAULO

De repente, nos vemos utilizando nossas casas como escritório, sala de aula, espaço de reunião e até academia de ginástica. Alguns, proprietários de um quarto vago, gozam de um pouco mais de privacidade, enquanto outros, ainda na mesa da sala de jantar ou da cozinha, tentam transpor a linha tênue que separa hoje o mundo do trabalho do espaço doméstico.

Como sabemos, a vida não será a mesma após o surto da covid-19. E isso passa, invariavelmente, pelo desenho de nossas casas. Por certo, vamos procurar minimizar nossa dependência do mundo externo, estaremos mais zelosos quanto à higiene, mais criteriosos em relação ao que entra nos nossos lares, das visitas aos alimentos. Mas nem tudo será só restrição. Há boas novas no horizonte.

“Os dias passados em quarentena nos deixaram mais atentos a nossas necessidades, a espaços subtilizados, a pequenas melhorias há muito adiadas. E claro que tudo isso vai impactar o projeto da casa no futuro próximo”, afirma a

arquiteta Fernanda Marques (fernandamarques.com.br), uma das profissionais convidadas pelo Estado, ao lado dos também arquitetos Consuelo Jorge (consuelojorge.com.br) e Otto Felix (ottofelix.com.br), para imaginar a casa da era pós-pandemia.

“Para a sala, aposte em vegetação. Não em um vaso aqui e ali, mas em grandes paredes vivas. Além da interação com as plantas ser super benéfica para nosso equilíbrio, elas formam um cenário interessante para chamadas de vídeo, que prometem ser cada vez mais frequentes”, observa Consuelo.

Reunidas em um único espaço, sala de estar, área de refeições e varanda podem, segundo ela, estimular a convivência familiar e ainda ampliar as possibilidades de trabalho remoto. Nesse sentido, optar por móveis mais versáteis será fundamental. Um sofá modular, no centro do ambiente, pode permitir que alguém trabalhe de um lado, enquanto outro assiste TV. Assim como uma poltrona de leitura, equipada com uma mesinha móvel. Sem falar da tela de TV, que pode ser compartilhada com o

computador. “Já que trabalhar em casa se tornou uma realidade, precisamos repensar a casa para que isso aconteça da forma mais confortável possível”, diz.

Adepta incondicional das plantas abertas — sem divisórias ou paredes internas —, Fernanda Marques também vê com bons olhos a ideia de integrar ambientes, embora admita que, por razões de privacidade ou de desempenho profissional, fechar algumas portas, atualmente, pode ser altamente recomendável. Sobretudo quando o espaço for reduzido e houver mais pessoas trabalhando ou estudando ao mesmo tempo.

“Desde que se tome permanente, o trabalho realizado em casa, para se revelar produtivo, deve contar com um home office propriamente equipado, bem iluminado e isolado em termos acústicos. Não basta providenciar uma mesa, uma cadeira e uma luminária”, considera a arquiteta, que sugere divisórias de vidro, com mais ou menos transparência, como uma solução viável para quem busca privacidade, ainda que partilhando o espaço da sala, ou mesmo de um quarto.

Sapatos na entrada. De acordo com ela, o antigo hall, quase aposentado por desuso, mas ainda presente em muitos imóveis, subitamente passou a desempenhar papel de destaque na geografia da nova casa. Dessa vez, para cumprir a nobre função de proteger a casa da invasão de sapatos, roupas e demais itens ameaçadores da segurança doméstica.

“Acredito que, tal como acontece no Oriente, reservar um espaço, que seja um armário ou uma prateleira, para deixar os sapatos antes de entrar será obrigatório. Nos meus projetos, já recomendo utilizar luz ultravioleta (que são bactericidas) nestes locais”, argumenta o arquiteto Otto Felix, que se declara particularmente interessado em desvendar o funcionamento das áreas mais funcionais e dinâmicas da casa.

“Temos hoje a oportunidade de repensar a função de cada espaço doméstico. Uma cozinha que funcione também para lavar, guardar, plantar e até compostar está prestes a nascer. Espero que as incorporadoras entendam essas demandas e possam agir rápido”, considera ele.

ENFERMEIROS

Rotina de longas jornadas, baixos salários e solidão

CAMILLA VERAS MOTA - BBC NEWS BRASIL EM SÃO PAULO

Desde que a pandemia de covid-19 chegou à cidade de Fortaleza, a enfermeira está isolada da família — inclusive dos pais, com quem costumava almoçar sempre que os horários pouco convencionais da profissão permitiam.

Com 20 anos de experiência como intensivista, trabalhando dentro de UTIs, ela se divide entre dois hospitais da rede privada na capital cearense.

Foi Luíze, que completou 17 anos no último dia 25 de abril, que decidiu se mudar temporariamente para a casa “da mãezinha e do paizinho”, como chama os avós, para poupar a mãe de mais uma preocupação.

“Eu sinto saudade... ela me liga às vezes chorosa.

Fico com o coração pequeno, me dá uma certa angústia — mas ao mesmo tempo força, porque eu sei que tudo isso vai acabar. Precisa acabar.”

Braulita faz parte de um exército de mais de 1 milhão de profissionais de enfermagem que estão na linha de frente contra o novo coronavírus. Histórias como as dela têm se repetido com frequência durante a pandemia.

Com medo de infectar os familiares, muitos desses profissionais se isolaram e têm vivido nas últimas semanas uma mistura de angústia e solidão. A sobrecarga emocional — que vem do temor de ser infectado, da hostilidade por parte do público ou mesmo em casa, pelo companheiro — se somam o esgotamento que vem do trabalho em si e, em muitos

casos, a alta exposição ao risco representado pelo novo coronavírus.

Na estimativa mais recente da Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), cerca de metade dos 2,3 milhões de enfermeiros, técnicos e auxiliares registrados no país estão atuando nos hospitais e unidades de saúde no combate à doença neste momento.

É o maior grupo de profissionais que lidam com a doença — para se ter uma ideia, há no Brasil, ao todo, cerca de 400 mil médicos.

Os profissionais de enfermagem são em sua maioria absoluta mulheres — 86,6% do total, de acordo com a pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, realizada em 2015 pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz.

A predominância tem

sido destacada pela Organização Mundial do Trabalho (OIT) em seus últimos relatórios de acompanhamento da pandemia de covid-19 por conta da inserção desse grupo no mercado de trabalho.

São as mulheres muitas vezes as responsáveis pela criação dos filhos — quando estão separadas ou mesmo juntas dos companheiros. Com frequência, elas também acabam assumindo a maior parte das tarefas domésticas.

Segundo a OIT, as mulheres gastam em média quase 4 horas e meia por dia em chamados “trabalhos não remunerados” — o cuidado com a casa e com a família, por exemplo —, enquanto os homens despendem cerca de uma hora e 20 minutos nessas mesmas funções.

ECONOMIA

Rui: ‘Qual governante não gostaria de reabrir comércio?’

Em debate virtual realizado no sábado (16), que reuniu os governadores Flávio Dino (Maranhão), Helder Barbalho (Pará) e Renato Casagrande (Espírito Santo), o governador Rui Costa (PT) cometeu sobre a retomada do comércio:

“Qual governante não gostaria de reabrir comércio e voltar à normalidade? Todos querem, mas é preciso ter RESPONSABILIDADE com a vida humana. A guerra de narrativas e a dúvida plantada na cabeça das pessoas em relação à gravidade da #Covid19 só faz com que o problema se prolongue.

Os países que tiveram sucesso e que já estão podendo fazer a sua retomada não são os que ficaram indecisos sobre que fazer. Tiveram coragem e unidade, colocando a vida das pessoas acima das diferenças ideológicas. Não tem economia funcionando se as pessoas estiverem mortas.

Vamos continuar fazendo a nossa parte, governadores e prefeitos, com o apoio do povo brasileiro, priorizando a vida, a assistência social e a retomada para recuperar o prejuízo após a passagem deste momento crítico”.



CAUTELA

Prioridade do governador da Bahia é salvar vidas

REGRAS

Passageiro de avião terá de pedir para ir ao banheiro

PORANA ESTELA DE SOUSA PINTO | FOLHAPRESS

Nada de despedidas no aeroporto. Você mesmo faz seu check-in e despacha as malas. Na porta do avião, recebe a refeição para o voo, dentro de um saco que servirá para guardar o lixo até a aterrissagem. Bagagens de mão serão ainda mais limitadas.

Para ir ao banheiro, será preciso pedir autorização dos comissários. Mantida vazia, uma área da cabine servirá como “chiqueirinho” se alguém apresentar sintomas de Covid-19. Na chegada, nada de abraços também.

Essas são algumas das mudanças já decididas por companhias aéreas europeias ou em discussão entre empresas e governos para evitar o contágio pelo coronavírus enquanto uma vacina não for descoberta e amplamente disseminada.

Semana passada o Centro Europeu de Controle e Prevenção de Doenças (ECDC) e a Agência de Segurança da Aviação da União Europeia enviaram diretrizes aos governos europeus, com recomendação de várias mudanças para aumentar a segurança nos voos.

Será preciso preencher questionários de saúde e dar informações de localização (para facilitar o rastreamento no caso de identificação de algum doente no voo) na compra da passagem ou no check-in online, dependendo da antecedência com que for feita a reserva.

A orientação é que apenas passageiros entre nos terminais dos aeroportos, que já começaram a medir a temperatura nas portas. Obviamente, o uso de máscara será obrigatório o tempo todo.

O número de restrições e o medo de contágio devem fazer com que voos mais longos demorem mais a retomar, dizem representantes das companhias.

Dados da aviação na China, onde a epidemia começou antes e foi controlada mais cedo, mostram uma recuperação dos voos domésticos, mas ainda menos da metade da média pré-confinamento: eram 75 mil por mês, e agora são cerca de 30 mil.

A empresa de baixo custo Ryanair, uma das que anunciaram o fim da fila de espera pelos toaletes, se prepara para reiniciar 40%

dos voos em julho, subindo para até 70% em setembro.

Uma das questões mais debatidas é se será obrigatório manter assentos vazios, política já adotada por companhias como a Lufthansa e a TAP, mas rejeitada pela lata (associação das empresas aéreas).

A associação critica a ideia com dois tipos de argumento. Um é de saúde: segundo o conselheiro médico David Powell, o fluxo de ar dentro do avião é dez vezes maior que em outros locais públicos, como cinemas e teatros, e o ar passa por filtros potentes chamados de Hepa, os mesmos usados em enfermarias (com exceção de aeronaves antigas).

“O risco de transmissão não é pelo ar da cabine, mas por gotas de saliva de alguém infectado”, disse o consultor. Como as pessoas estão sentadas lado a lado, há menos risco de contaminação, principalmente com o uso da máscara. E o assento da poltrona funcionaria como um escudo físico.

Para tornar a convivência ainda mais segura, a lata estuda a possibilidade de fasear as refeições, para que os passageiros não precisem tirar as máscaras ao mesmo tempo para comer.

Essa opção, porém, é menos eficaz que a de distribuir as caixas de lanche na entrada, pois obrigaria os comissários a se deslocar mais vezes pelo corredor.

Outra opção, adotada pela Ryanair, é só servir alimentos e bebidas por encomenda, pré-embalados — e, como já acontece hoje em várias lojas europeias, o pagamento só é possível com cartão.

O outro argumento da lata contra o cancelamento de assentos também é de saúde, mas financeira. O economista-chefe da entidade, Brian Pierce, diz que, para empatar receitas e custos, é preciso voar com pelo menos 75% dos assentos ocupados, e a exigência de “cancelar” assentos permitiria no máximo 67%.

Por enquanto, a Comissão Europeia (Poder Executivo da UE) não falou em assentos vazios, e a agência de controle de doenças escolheu palavras cuidadosas: “Sempre que viável”, as companhias aéreas devem garantir, “na medida do possível”, distanciamento físico entre os passageiros.